

Semana inglesa desagrada a 77% dos consumidores

Uma pesquisa realizada pela MSC, Estudos de Mercado e Opinião Pública, realizada entre os dias 12 e 13 passados, indica que para 60 por cento dos entrevistados, o principal dia de suas compras é o sábado. Entre estes, 58,6 por cento fazem estas compras no sábado à tarde.

Se o comércio fechar sábado à tarde, os maiores prejudicados serão os consumidores das classes D e E, os mais carentes, já que 66 por cento fazem suas compras no sábado, sendo que 62,2 por cento o fazem no período da tarde.

Quando perguntados sobre o novo horário proposto para o funcionamento do comércio, 77,4 por cento dos entrevistados se posicionaram contra a chamada semana inglesa. Apenas 19,6 por cento foram a favor, e três por cento não responderam.

Sobre a preferência para o horário do funcionamento do comércio, novamente apenas uma minoria defendeu a semana inglesa, 24,8 por cento. A grande maioria se dividiu entre manter o horário atual (39 por cento) ou até ter o horário livre para funcionamento (36 por cento).

Pesquisa comprova

| OPINIÃO | SEXO | | | CLASSE SOCIAL | | | FAIXA ETÁRIA | | |
|---------|-------|-------|------|---------------|------|-------|--------------|---------|---------|
| | Total | Masc. | Fem. | A e B | C | D e E | 16 a 24 | 25 a 39 | 40 a 70 |
| A favor | 19.6 | 18.8 | 20.2 | 19.2 | 21.3 | 18.1 | 20.7 | 19.7 | 18.2 |
| Contra | 77.4 | 79.5 | 75.6 | 77.8 | 75.0 | 80.1 | 77.8 | 78.4 | 75.6 |
| NS/NR | 3.0 | 1.7 | 4.2 | 3.0 | 3.7 | 1.8 | 1.5 | 1.9 | 6.2 |

Deputados tentam um acordo

A uma semana do encerramento do prazo para o governador Joaquim Roriz sancionar ou vetar o projeto que estabelece a semana inglesa, os deputados distritais tentam um acordo entre comerciários e comerciantes para facilitar a aprovação final da proposta. O deputado Geraldo Magela (PT), relator do projeto aprovado em plenário, informou que está negociando um encontro com representantes dos sindicatos patronal e laboral antes da decisão do governador.

Esse acordo prevê a aprovação do projeto sem vetos parciais, jogando para o futuro uma negociação entre as partes que permita a abertura do comércio nos sábados à tarde e domingos. O presidente do sindicato dos comerciários, Raimundo Neves, afirmou que a categoria está disposta a ceder, mas criticou a má vontade dos empresários: "Os patrões já deixaram claro que não aceitam negociação, eles são contrários a qualquer lei que fortaleça o sindicato", afirmou.

O deputado Manoel de Andrade, líder do PTR na Câmara, informou que o governo não pretende medir forças com o Legislativo, e que vai tentar tomar uma decisão que agrade à maioria da população: "Nós não podemos elaborar leis que agradem a uma minoria e prejudiquem o grosso da população", afirmou.

Pesquisa — Sobre o resultado da pesquisa feita pelo **CORREIO BRAZILIENSE**, e confirmada ontem pela MSC, que aponta a maioria da população como contrária à semana inglesa, o deputado Carlos Alberto (PCB) disse que está havendo uma distorção



Neves: disposto a ceder

dos fatos: "Estão escondendo da sociedade que o projeto permite a negociação para a abertura do comércio no sábado à tarde e no domingo", observou o deputado.

Carlos Alberto lembrou ainda que a proposta aprovada pela Câmara deixa de fora 14 setores do comércio, que não estão proibidos de abrir nos finais de semana. O fato é que os números indicam que a maioria da população tem o hábito de fazer compras no sábado à tarde e com a implantação da semana inglesa estes consumidores sairiam prejudicados.

O deputado Aroldo Satake (PDS) lembrou que a possibilidade de aprovação da semana inglesa já está inflacionando o comércio informal no DF: "Uma barraca na feira do Guará está avaliada em 12 milhões de cruzeiros, enquanto um ponto na Ceasa não vale mais do que um milhão", comparou o deputado.